

A IMPRENSA EM UBERLÂNDIA

Pesquisa feita pelo historiador Antônio Pereira da Silva

Brasil

Nos três primeiros séculos de existência do nosso país, não possuímos nenhuma publicação periódica, nem revista, nem jornal, nem livro. Era proibido pela metrópole. Certamente os nossos colonizadores temiam a formação de opinião, a divulgação de ideias libertárias – que ocorrem naturalmente pela leitura.

Se alguma coisa escrita se divulgava, reproduzida a mão, eram poemas humorísticos ou satíricos que regalavam os colonos que viviam no desconforto da censura. Desses, os mais conhecidos foram as sátiras do Gregório de Matos Guerra, na Bahia, que abusava de todo mundo: governo, igreja, políticos, nobres, ricos, pobres, negros, brancos – ninguém escapava de sua língua ferina. Por isso seu apelido foi “Boca do Inferno”. Tivemos também, nos fins do período colonial, as “Cartas Chilenas” que circularam em Ouro Preto.

Quando a família real portuguesa abandonou o país à sanha napoleônica, na confusão do embarque, não se sabe se por descuido ou por vontade de alguém, dois prelos e vinte e oito volumes de material tipográfico vieram na nau Medusa, onde estava o importador dessa mercadoria, Dom Antônio de Araújo de Azevedo.

Vinte e poucos soldados estropiados, pois tinham acabado de participar de sangrentas batalhas, chegaram a Lisboa, comandados pelo general Junot e encontraram só o povo. A nobreza estava em alto mar, medrosa de um exército miúdo como o que invadiu Portugal.

O material tipográfico tinha sido importado da Inglaterra e chegou em 1808 ao Brasil. Instado por Dom Rodrigo de Souza Coutinho, Dom João resolveu fundar a Imprensa Régia, no dia 10 de setembro de 1808. Ainda neste ano saiu o primeiro jornal brasileiro: “A Gazeta do Rio de Janeiro”, administrado pelo próprio Dom Rodrigo que era o Secretário dos Negócios Estrangeiros e da Guerra. No seu primeiro número foi anunciado que a circulação seria semanal, mas já no segundo número foi dito que passaria a bi-semanal. Pouco tempo depois passou a sair nas terças, quintas e sábados.

Na verdade, antes deste jornal, tivemos um outro, o “Correio Braziliense”, ou “Armazém Literário”, que começou a ser publicado em junho de 1808. A diferença é que este era redigido e impresso em Londres por Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça. E, de lá, mandado pra cá.

O segundo jornal a se fazer no Brasil trazia unicamente listas de navios que entravam e saíam do porto do Rio de Janeiro. Em 1813, saiu a primeira revista, “O Patriota”, que o historiador Gondim da Fonseca considera uma das mais importantes revistas que já se publicaram no país.

Aí começa a História da Imprensa no Brasil.

Minas Gerais

Em Minas Gerais, a imprensa debutou em 1823, apenas 15 anos após ter sido inaugurada no Rio de Janeiro. Nosso primeiro jornal chamou-se “Compilador Mineiro”. Nasceu em Ouro Preto no dia 13 de outubro de 1823. E fez tanto sucesso que reimprimiram de novo o primeiro número. Ele circulava às segundas, quartas e sextas. Era impresso na Tipografia Patrícia, de Barbosa & Cia. Era um jornalzinho pequeno que media apenas 16 por 25cm. Tinha só quatro páginas e cada página tinha duas colunas. Publicava notas oficiais e transcrevia as notícias mais interessantes saídas na imprensa carioca. Publicava também reclamações sob a forma de avisos. O primeiro número trouxe esse curioso “aviso”: “Oferecemos este nosso periódico aos Senhores que quiserem fazer públicas suas idéias, ou denunciarem à opinião publica os maus empregados.”

O segundo jornal mineiro também surgiu em Ouro Preto um ano após o “Compilador Mineiro”. Chamava-se “Abelha do Itaculamy”. Também saía três vezes por semana e era impresso na mesma tipografia que o “Compilador”.

São Pedro do Uberabinha

Em São Pedro de Uberabinha a imprensa chegou pelas mãos do rábula e professor João Luiz da Silva. Rábula era o advogado prático. Foi em 1897. Seu jornal se chamou “A REFORMA”. João Luiz da Silva organizou uma Sociedade Anônima e comprou a tipografia de Francisco Vaz de Mello, de Uberaba. Trouxe-a em carro de bois para Uberabinha onde a instalou, segundo Tito Teixeira. Essa informação me parece um tanto estranha, já que, desde 1895 possuíamos trem de ferro de Uberaba a Uberabinha.

João Luiz da Silva era de São Gotardo. Chegou aqui para lecionar e instalou também uma casa comercial. Depois foi Juiz de Paz e militou no Fórum, como rábula.

No dia 17 de janeiro de 1897 circulou o seu primeiro número. Eram seus redatores o juiz substituto José Antônio de Medeiros Cruz (que cuidava da parte redatorial), o advogado Amando Santos mais o professor Jerônimo Teotônio de Moraes que era diretor do Colégio Uberabinhense. O seu último número saiu em 31.5.1898. Esse jornal teve vida curta. Circulou por apenas 14 meses. O professor Jerônimo Arantes, historiador do Município, conclui que este foi o primeiro jornal pela manifestação do vereador Amando Santos, colhida nas Atas da Câmara, que diz o seguinte sobre o jornal: “Sendo de grande vantagem o conhecimento exteriormente de todos os trabalhos desta casa e existindo agora uma folha local publicando-se regularmente, indico que seja autorizado o Agente Executivo a fazer contracto com os proprietários do referido jornal, para publicação dos expedientes e mais serviços da Câmara.”(21.1.1897).

Foi o nosso primeiro jornal. Ele era impresso em oficina própria e possuía uma programação organizada por elementos do meio cultural.

Antes deste jornal circularam por aqui, uns outros, de Uberaba, que nos auxiliavam na propaganda da emancipação do município e na criação da Comarca. Não há provas. Isso passou para frente pela tradição oral.

Um ano depois, João Luiz ofereceu seu prelo à Câmara que o adquiriu por dois contos de réis e passou a editar o jornal “GAZETA DE UBERABINHA”. Além de publicar o expediente da Câmara, essa gráfica ainda publicou esses três jornais: GAZETA DE UBERABINHA, CIDADE DE UBERABINHA e A SEMANA. Acho interessante descrever como era a cidade nesse tempo.

Uberabinha comportaria mesmo um jornal?

Sua população urbana não devia chegar a 1500 habitantes. Havia pouco mais de 200 casebres pontuando nas quinze ruas, duas travessas e três largos que existiam. Não havia serviço de água nem de esgoto. A água vinha por um rego a descoberto lá das alturas de onde está o Carrefour, em curva de nível pela encosta onde é a avenida Rio Branco, até o largo da Matriz que é a praça Cícero Macedo. As águas servidas escorriam para a rua. Possivelmente nenhuma casa tivesse latrina porque em 1920, só 20% delas possuíam. As atividades econômicas urbanas eram ligadas à produção rural. Dois terços da população moravam na roça.

As únicas estradas que possuíamos eram a Estrada de Ferro Mogiana e uma salineira que passava por Indianópolis, vinda do litoral fluminense com destino a Goiás. As demais estradas desviavam-se de nós ali pelas alturas de Uberaba. Aqui chegavam pequenos ramais.

Não havia energia elétrica nem coleta de lixo. Os fundos de quintais e os “largos” que acabaram virando praças é que serviam para o depósito de lixo. As ruas eram de terra, não havia meios fios, nem calçadas. A aglomeração humana se circunscrevia à área que ia de pouco abaixo da atual praça Coronel Carneiro, que se chamava Largo da Independência, até a atual praça Clarimundo Carneiro que era um cemitério. Depois, era o puro cerrado.

Quando se fez o manifesto que pediu a emancipação do município, que era distrito de Uberaba, isso em 1888, lá constou que possuíamos duas escolas públicas e duas particulares. É possível que em 1897, quando circulou o nosso primeiro jornal, as escolas básicas continuassem as mesmas, se alguma coisa aumentou foi muito pouco já que a cidade crescia vegetativamente. A estrutura da escola era simplíssima: uma sala acanhada abrigando alunos das quatro séries básicas, todos juntos sob o comando de um professor ou professora só. As classes masculinas e femininas eram separadas, entretanto, havia um grande preconceito contra mulheres que sabiam ler e escrever. De forma que é de se concluir que poucas meninas estudavam. Nesse ano, 1897, foi inaugurada em Uberabinha a primeira escola de nível secundário que hoje corresponde às últimas séries do primeiro grau. Foi uma festa.

Mesmo para os meninos não havia muita preocupação com leitura pois a grande maioria das profissões não exigia essa sabedoria.

É de se concluir que a tiragem dos jornais era mínima. Muito demorada a sua impressão eis que os textos eram montados letra a letra. Certamente não saíam, nessa época, mais que umas duas centenas de exemplares. Que era o povo que sabia ler. E olhe lá.

Enfim, fazer um jornal numa cidadezinha dos fins do século XIX, com no máximo 1500 habitantes na zona urbana, a grande maioria analfabeta, era um ato de heroísmo.

Comunicação pública

A GAZETA DE UBERABINHA era “órgão da Câmara Municipal” – seu redator era o dr. José Nódden de Almeida Pinto, que era Promotor de Justiça, homem erudito, escritor, maçom.

A principal matéria desse jornal eram os atos da Câmara, a publicação da legislação aprovada e a bajulação das pessoas importantes ligadas ao poder constituído. Essa prática retornou com toda a força nas décadas de 61 e 71.

Esse jornal, ao contrário do primeiro, era politiquês, subalterno aos poderosos e nunca fez nenhuma demonstração de liberdade de pensamento e manifestação. Ainda assim, há que se destacar alguns assuntos abordados por ele e que eram do interesse do município como um todo, por exemplo: a organização de uma sociedade para explorar uma indústria de tecidos aproveitando a energia elétrica do Salto, no rio Uberabinha. Pelo visto não saiu, porque não se tem notícia dessa indústria e nem do uso da potencialidade energética do Salto – a usina só foi instalada ali em 1909 pelos Carneiro. O jornal defendeu também o prosseguimento da construção de uma estrada ligando Uberabinha a Morrinhos, passando por Abadia do Bom Sucesso (Tupaciguara) com ramal para Coxim em Mato Grosso. Também não deve ter saído.

Após o desaparecimento da GAZETA DE UBERABINHA, em junho de 1890, surgiram, ainda editados pela gráfica da Câmara, porém de propriedade particular, os jornais A CIDADE DE UBERABINHA e A SEMANA.

O primeiro era do professor João Basílio de Carvalho que, nesse tempo, era Coletor Federal, e de Lamartine de Alencastro Moreira que também era funcionário público, Coletor Estadual. Eram os donos e os redatores. Acompanhavam a linha editorial do jornal anterior.

A SEMANA, surgiu três anos depois de A CIDADE DE UBERABINHA. Era do advogado, poeta e jornalista Francisco Itagyba associado a Pedro de Carvalho.

Nove anos depois, o material tipográfico restante, já bem gasto e em condições precárias, foi adquirido por Joaquim Cupertino por 212 mil réis. Cupertino era uma família portuguesa. Seu filho, Bernardo Cupertino, era o Redator Chefe. Era homem de personalidade firme, trabalhava dentro das normas da retidão do seu caráter. Foi fundada, então, com a aquisição desse material, a Typographia Popular, agora não mais oficial e, teoricamente, livre. O recibo foi passado aos 14 de outubro de 1907. O seu jornal era O PROGRESSO.

Com dez anos, portanto, de existência, a imprensa de Uberabinha já tinha editado 4 jornais: A REFORMA, A GAZETA DE UBERABINHA, A CIDADE DE UBERABINHA e A SEMANA. Todos na mesma gráfica.

O PROGRESSO durou oito anos. Foi o jornal mais interessante desse período pioneiro. Em suas páginas colaboraram jornalistas como Moizés Santana, Augusto César, José Avelino, Acácio Azeredo, Honório Guimarães, Constâncio Gomes, Leão Coelho de Almeida, Cônego Pedro Pezutti, José Gonçalves Valim Pirahy, João Severiano Rodrigues da Cunha, homem cultíssimo e seguramente o melhor prefeito que a cidade já teve. O PROGRESSO foi extinto em 1914. Foi jornal politicamente da situação municipal que correspondia à oposição estadual. Hoje, o que se sabe da cidade, neste período, está nesse jornal. Com a desvantagem do seu teor político em favor de uma facção. Porque não se sabe o que pensava o outro lado. O PROGRESSO só desapareceu porque seu redator faleceu.

Quem comprou as instalações de O PROGRESSO, foi a empresa Humberto Giffoni que montou um novo jornal, A NOTÍCIA, cujo Redator foi José Peppe. Durou apenas um ano. Mas o Jerominho Arantes, historiador meticoloso, colheu de suas páginas um interessante artigo onde o redator sugeria transformar-se o largo abandonado que havia em frente ao G. E. Bueno Brandão num belo ponto de passeio para a sociedade, ajardinado convenientemente. É a praça Tubal Vilela atual.

Podemos dizer que esse primeiro período foi heroico – pelo pouco ou nada que dava de retorno aos jornalistas. Podemos dizer também que foram as pessoas mais cultas da cidade, como ocorreu até meados do século XX, que se interessaram pela redação de notícias e comentários em jornais.

Em 1907, funcionavam na cidade duas tipografias de obras: A Popular, logo remodelada, do Cupertino, que publicava o jornal O PROGRESSO; e a tipografia Progresso do Nicolau Soares que fazia o jornal A NOVA ERA. Nicolau Soares também foi advogado, grande tribuno, poeta e jornalista. Seu jornal foi combativo e se empenhava em prol de obras necessárias ao desenvolvimento da cidade, porém só durou seis meses, de 01 de janeiro a 29 de junho de 1907 e só tirou 26 exemplares. Através dele, realizou-se uma campanha para a construção de uma ponte metálica sobre o rio Paranaíba, ligando o Triângulo ao Sudoeste Goiano; outra para a organização de uma empresa exploradora do potencial hidrelétrico do município além de outros empenhos. Todos eles debatidos ardorosamente.

Em 1909 instalou-se na rua Marechal Deodoro, bem no seu começo, quase esquina com a praça dr. Duarte, uma Livraria que durou quase um século. A Livraria Kosmos que encerrou suas atividades no fim do século passado. Por época do seu fechamento, ela ficava no primeiro quarteirão da avenida Afonso Pena, depois da praça Clarimundo Carneiro. Essa Livraria foi fundada por Zacharias Alves Ulhoa de Mello. Ele costumava não usar o “Ulhoa” do seu nome.

Era uma curiosa Livraria para os tempos atuais, não para aqueles, quando qualquer estabelecimento vendia de tudo. Assim a Kosmos, além de material escolar, livros para leitura e material para escritório, tinha enxadas, colchões, lampiões, violas, botinas etc e tal. Possuía, anexo, uma tipografia onde imprimia revistas e livros para toda a região. Muitos escritores goianos publicaram seus livros aqui, na Livraria Kosmos. Além disso, a Livraria Kosmos, mantinha uma verdadeira academia cultural da cidade em volta dos seus balcões. Toda tarde ali se reuniam as pessoas cultas da cidade: o cônego Pedro Pezutti, que escreveu a primeira monografia histórica do município, em 1922, o padre Pio, o professor Honório Guimarães, poeta, escritor, teatrólogo, Duarte Pimentel de Ulhoa, nosso primeiro magistrado, Manoel Lacerda, advogado, Leôncio Chaves, Figueiredo Murta, José Guerreiro, Agenor Paes, Júlio Alvarenga, Oliveira Martins, Eduardo de Barros, Tito Teixeira, Othon Fleury, Nicolau Soares, Francelino Cardoso, latinista, Pedro Moscoso, advogado, escritor, teatrólogo, João de Deus Faria, o criador do nome “Uberlândia”, José Avelino e muitos outros. Se muitos desses nomes estão esquecidos é porque a cidade não costuma reverenciar a memória dos seus homens cultos.

Além disso, a Livraria Kosmos publicou Almanques de Uberabinha, valiosíssimos atualmente para o conhecimento de como era a cidade naqueles idos de 1911 e 1912.

Nome da cidade surge por causa de jornal

Além disso, a Livraria Kosmos fez circular dois jornais: o LIVRARIA KOSMOS, com pouco texto e muita publicidade da casa. Por esse jornalzinho é que se sabe a variedade impressionante de mercadorias que ela possuía. E o BRAZIL que acabou sendo um dos jornais mais importantes desse período, apesar de ter durado pouco e não se possuir mais quase nenhum exemplar seu. É que o BRAZIL é responsável pelo nome da cidade.

Era diretor desse jornal o advogado e escritor Pedro Salazar Moscoso da Veiga. O gerente era o seu filho Pedro Salazar Pessoa Filho. O Zacharias, dono da empresa, resolveu lançar um concurso para a escolha de um novo nome para o município. Choveram nomes, os mais estranhos, os mais poéticos possível. João de Deus Faria, um mulato nordestino, guarda-livros que trabalhava para a empresa do Antônio Rezende Costa, era um homem inteligente, que freqüentava as rodas intelectuais da cidade; ele sugeriu que o novo nome fosse “UBERLÂNDIA”, palavra formada por duas raízes, uma latina (uber = fértil) e uma anglo saxônica (land = terra). Essa palavra caiu no gosto dos leitores. Mas o coronel José Theóphilo Carneiro, homem autoritário, mandão, fez ameaças à Livraria se não parassem com aquele concurso. Para ele, o nome da sua cidade era intocável. E o Zacharias deu uma desculpa qualquer e encerrou o concurso, sem solução. Mas o nome ficou.

Em 1916, por exemplo, se fez um jogo de futebol beneficente em que as equipes se nomearam por Uberabinha e Uberlândia. Por si, a idéia de se formarem equipes adversárias com esses nomes já sugere a permanência de um resquício, de uma lembrança do concurso que punha os dois nomes em confronto. Na década de 20, outro jornal, A TRIBUNA, nós

voltaremos a falar nele, retomou o concurso que não levou a nada, não surgiu nenhum nome novo capaz de desbancar UBERLÂNDIA, embora não tenha sido proibido por ninguém.

No fim da mesma década, lá por 1929, o próprio coronel Carneiro, por fim, entendeu que era preciso mudar o nome da cidade e escolheu a palavra “Maravilha” para substituir Uberabinha. Recolheu assinaturas, manteve correspondência com Secretários de Estado e com o próprio Presidente do Estado e, lá um dia, aportou em Belo Horizonte com o seu pedido. O governador atendeu-o, elaborou o projeto e enviou-o à Assembleia. Seria aprovado o nome “Maravilha” se o Senador Estadual Padre João Pio não tivesse estranhado esse nome. Foi num encontro dos dois; o coronel contou-lhe que tinha ido mudar o nome da cidade para “Maravilha”. O Senador estranhou: “Coronel, “Maravilha” não é nome pra cidade, é nome de vaca!”

Assustado o coronel aceitou de pronto a sugestão do amigo para mudar aquele nome, mas, no momento, não atinou com nenhum outro. No hotel, mais tarde, ruminando os fatos aborrecidos do dia, foi que se lembrou do nome que proibiu lá por 1911. No dia seguinte, procurou o Senador e deu-lhe o novo nome. Quando o Projeto chegou ao Senado Estadual, João Pio e o Senador Camillo Chaves, aqui da região, de Ituiutaba, propuseram o substitutivo que tirava “Maravilha” e colocava “Uberlândia”.

Que perigo, hem? Isso nos remete à reflexão sobre a autoridade dos velhos coronéis. Vejam bem: Ele não consultou ninguém para mudar o nome de São Pedro de Uberabinha para Maravilha, só tomou assinaturas num abaixo assinado. A decisão já era Maravilha. Pra mudar pra Uberlândia ele não deu a menor satisfação a qualquer uberabinhense.

Zacharias Alves de Mello, depois que vendeu a Livraria, mudou-se para São Paulo e foi estudar Medicina. Já era idoso. Formou-se e montou um laboratório farmacêutico, na capital paulista, onde fabricava medicamentos da marca ZAM, suas iniciais sem o Ulhoa.

Chega a energia

1909 foi um ano auspicioso para a velha Uberabinha com quatro inaugurações importantes: a da empresa de Força e Luz, de Carneiro & Irmãos, que aposentou os velhos lampiões das esquinas e colocou lâmpadas elétricas dentro das casas da cidade; a nova Cadeia Pública; o Cine Theatro São Pedro e a Livraria Kosmos que durou quase cem anos e só recentemente fechou suas portas que ficavam no começo da avenida Afonso Pena.

Por essa época circulou o jornal “O COMMERCIO” que era órgão da classe caixeiral. Direção e redação de Pinto, Miranda e Guimarães. Era de pequeno formato e cheio de brincadeiras.

O BINÓCULO era órgão da mocidade. Redação de Santos, Pacheco e Companhia. Também era pequeno e humorístico. Profundamente preconceituoso contra os negros. Li alguns artigos incríveis nesse BINÓCULO. Queixando-se de negros fazerem rodinhas nas calçadas, de sua liberdade de vestir-se e de andar pelas ruas, de seu direito de recusar serviço,

chamava-os de “jaratatacas” (um animal que cheira pior que gambá) etc e queria limitar-lhes a liberdade.

O PARANAHYBA, surgiu em 1914 (saiu no dia 20 de setembro), defendia a criação de um Estado Central constituído pelo Triângulo, parte da zona de Paracatu e do sudoeste Goiano formando o Estado do Paranahyba. Não logrou êxito. Esse jornal era um “órgão político, noticioso e literário”. Ligado ao Partido Republicano Conservador. Circulava às quintas feiras. Seu diretor proprietário era o Moisés Santana. A redação ficava na avenida Afonso Pena, 436. Os escritórios e oficinas ficavam na rua América, 643. Moisés Santana era advogado, militava no fórum e era muito corajoso. Era tido também como o melhor jornalista de sua época. Aqui, sofreu um atentado. Em 1922, quando residia em Uberaba e era redator do LAVOURA E COMÉRCIO, foi barbaramente assassinado. Possivelmente por sua agressividade jornalística. O PARANAHYBA era feito nas oficinas da Typographia Kosmos, a mesma de O BRAZIL. Foi jornal de oposição municipal - foi um verdadeiro terror para os seus adversários pela coragem e atrevimento do seu redator. Dizem que o jornal foi grande repositório dos melhores argumentos para a criação do estado central. A Fundação Brasil Central possivelmente tenha sido uma manifestação indireta do governo no estudo das possibilidades de atender aquela reivindicação.

Era extremamente polêmico e agredia violentamente seus adversários, como se fossem bandidos.

Jornal de oposição ao governo municipal, não perdoava o Agente Executivo, nem a Câmara e parece-me que, não raro, era profundamente injusto. Defendia com ardor seus correligionários. No primeiro número registrou que era seu objetivo lutar pela emancipação do Estado do Paranahyba. Destacava largo espaço às notícias da guerra mundial.

Um aspecto curioso da política mineira da época é que o grande partido político era o Republicano Mineiro que sempre elegia o presidente do Estado pelos meios escusos que todo mundo sabe. Votavam defuntos, meninos e alguns eleitores duas vezes. Em Uberabinha, o grande vencedor era exatamente o seu adversário, o Partido Republicano Municipal, usando dos mesmos artifícios. Uberabinha sempre esteve na contramão da política mineira. Esses dois partidos aqui, como em todo lugar, tinham os seus apelidos. Cocão era o apelido do PR Municipal, e Coió do PR Mineiro. Contam que se encontraram na rua, os líderes Marcos de Freitas, do PR Mineiro e João Severiano Rodrigues da Cunha, do PR Municipal. Discutiram. Num dado momento, Marcos de Freitas chamou o João Severiano de “cocão”. Cocão era uma peça baixa do carro de bois e o João Severiano era um homenzinho pequenino. Mas o baixinho deu o troco na hora chamando o seu agressor de “coió”. Coió é a mesma coisa que retardado, bobo, idiota. E, com isso se criaram os novos nomes dos partidos políticos: Cocão e Coió. Em Uberaba eram os Pacholas e os Araras.

Por essa época surgiu também a primeira experiência diarista: o DIÁRIO DE UBERABINHA, elaborado pela firma Guimarães & Cia Ltda cujos proprietários eram o professor Honório Guimarães, Pedro Salazar Pessoa Filho e Raulino Cotta Pacheco. Era de formato diminuto e conhecido pelos leitores como DIARINHO. Tinha serviço telegráfico sobre a grande guerra e saía às três horas da tarde; muita gente o esperava ansiosa. Os garotos que o vendiam gritavam: “O Diarinho, um tostão apenas!” Durou poucos dias. O desfazimento da sociedade civil resultou no desaparecimento do jornalzinho, mas ficou a sua experiência pioneira. Ele foi portador de várias notícias que informavam o desenvolvimento do município, como a criação do Tiro de Guerra n. 243 (depois mudado para 60), a construção do Mercado Municipal etc.

Tivemos, também, A PENNA, de Orlando Dantas Barbosa.

Nesse primeiro período da Imprensa uberabinhense ainda circularam outros jornais: O FERRÃO (1907), A ESCOLA (1908), um jornalzinho pequeno, órgão do Grupo Escolar Bueno Brandão, rico de informações, o GAVIÃO (1909), o LIVRARIA KOSMOS (1909), VOZ DE UBERABINHA (Pionono Nascimento/Lamartine Moreira - 1911), O MARTELO (Albertino Moreira e Bimbo Mascia – 1914), COMMERCIO, BINOCULO, CORISCO (Orlando Barbosa, 1917), A CHALEIRA (Leônidas Schwindt, em 1917), O VIOLINO e A BORBOLETA (de um grupo de moças).

Em 1947, ano do cinquentenário do jornalismo uberlandense, Jerônimo Arantes, em sua revista UBERLÂNDIA ILUSTRADA, listou um total de 80 jornais que existiram nesses cinquenta anos. Circularam, após a GAZETA DE UBERABINHA, entre outros, os jornais A NOVA ERA, O PROGRESSO, PARANAHYBA, DIÁRIO DE UBERABINHA, TRIBUNA, SERTÃO JUDICIÁRIO, REAÇÃO, MARIPOSA, O REPÓRTER, JORNAL DE UBERLÂNDIA e CORREIO DE UBERLÂNDIA.

A professora Regma cita, além desses jornais considerados maiores, os seguintes, considerados pequenos: LAMPIÃO, ALARME, CHISPA, BOHÊMIO, FARPA, IDEAL, DIÁRIO DA REVOLUÇÃO, RAÇA, BORBOLETA, CRÍTICO, O BANDEIRANTE, CORREIO POPULAR, entre outros.

Em 1947 estavam em circulação: CORREIO DE UBERLÂNDIA, A TRIBUNA, BRASIL CENTRAL, O REPÓRTER, UBERLÂNDIA ILUSTRADA, MOCIDADE LIVRE, O INCONFIDENTE, NOVA SENTO (em esperanto), VOZ DO POVO e PRAIA CLUBE.

Em 1997, quando a Imprensa fez cem anos, uma grande quantidade de jornais circulava pela cidade. Tantos que é impossível relacioná-los em razão do grande número de gráficas e o grande número de instituições que patrocinavam jornais e revistas. Eram empresas, escolas, sindicatos, associações de classe, culturais etc. Jornais de ampla circulação, acho que existiam só dois: O TRIÂNGULO e CORREIO.

Vamos voltar lá para os princípios.

Com o jornal A TRIBUNA, do Agenor Paes, combativo jornalista, inicia-se uma nova etapa do jornalismo impresso da cidade. Sua redação e oficinas ficavam na praça da Independência, não dizia o número, como era costume na época. Talvez, porque a cidade fosse pequena raramente se lia número de imóvel, mesmo em propaganda. Seu primeiro número saiu no dia 7 de setembro de 1919. Seus primeiros jornalistas foram J. S. Rodrigues da Cunha (Joanico) e Vasco de Andrade. A firma era Rodrigues, Andrade & Cia.

Em 1922 foi transferido para a firma S. E. A Tribuna Ltda, cujos proprietários eram J. S. Rodrigues da Cunha (Joanico), Eduardo Marquez (Tavico), Tito Teixeira, José de Andrade e Agenor Paes – que era o Redator. O jornal era impresso na Tipografia Alvina que era da esposa do Agenor, Alvina de Souza.

A TRIBUNA inicia um trabalho profissional novo dando cobertura aos fatos correntes do dia a dia, de interesse da comunidade. A personalidade enguiçada do Agenor é que, às vezes, prejudicava o registro dos fatos. Não que ele distorcesse, mentisse, pelo contrário, ele era corajoso. Mas era um sujeito polêmico. Quando se fez, por exemplo, a festa do cinquentenário do Município, em 1938, com a Associação Comercial inaugurando sua sede à avenida João Pinheiro, onde está hoje o edifício Armante Carneiro, que foi o primeiro Presidente da entidade, inauguração esta marcada por uma Exposição Industrial no seu salão térreo, A TRIBUNA não noticiou. Acredito que o Agenor tenha brigado com alguém à última hora porque ele se empenhou na divulgação das festas e, da festa, mesmo, não deu notícia alguma. Sabe-se hoje como ela foi pela divulgação prévia.

A TRIBUNA fotografava pessoas e fatos no momento, ou, pelo menos, próximo do momento da ocorrência. Esse avanço, recuou nos anos 50 a 70. Seus arquivos fotográficos, portanto, eram um registro histórico. Quando do falecimento do Agenor Paes, sua família queimou todo o arquivo fotográfico lamentavelmente.

A TRIBUNA registrou o desenvolvimento sócio, econômico, cultural e esportivo da cidade e da região durante trinta anos. Tinha os seus defeitos, talvez, reflexos da cultura da época. Por exemplo: eu gostaria muito de escrever uma História do Futebol em Uberabinha, ou seja, até 1929. Até já levantei muita coisa, entretanto, A TRIBUNA, que era o único jornal constante, dificilmente fazia registro completo de um evento esportivo. Apesar do grande interesse que uma partida de futebol despertava naquele tempo, porque era um esporte da elite, cumpria à imprensa apenas colaborar na divulgação. Então as notícias revelavam apenas que haveria um jogo dia tal às tantas horas em tal campo entre tais equipes. Raríssimas vezes se lêem notícias sobre o jogo: escalação das equipes, resultado, gols marcados, por quem em que momento do jogo; quem apitou etc.

Acho interessante comentar como eram esses jogos. Quem contratava os jogos eram os técnicos. Eram todos amistosos, não havia campeonatos. O time visitante tinha o direito de levar o Juiz, porém era muito comum a torcida exigir a sua substituição. Às vezes duas e três vezes. O dono do campo era responsável pela bola que era uma só. Nenhum campo, na

velha Uberabinha, tinha grama. Eram todos de terra. O time só dava a camisa. Chuteiras, meiões, calções e gorrinhos eram por conta do jogador. As camisas eram de algodão com mangas compridas para que os atletas não resfriassem. Problemas musculares eram tratados com erva de Santa Maria. Não havia alambrados, a torcida ficava quase em cima da linha demarcadora do campo. O futebol era esporte da elite por isso os campos ficavam cheios de torcedores de paletó e gravata e moças elegantes de sombrinha. Nenhum time, pelo menos daqui, tinha médico, fisioterapeuta ou pelo menos enfermeiro, mas todos tinham o seu orador e a sua banda que tocava todo tipo de música que pudesse sublinhar as jogadas mais interessantes. O nosso ex-ministro e ex-governador Rondon Pacheco, foi orador do Uberabinha Esporte na sua juventude. Os nomes das posições dos jogadores e das ocorrências durante o jogo eram todos em inglês. Por exemplo: half, que o povo dizia “alfo” correspondia ao atual lateral; corner, correspondia ao atual escanteio etc. Os jogadores eram leais e as faltas eram involuntárias. Lembro-me de um comentário em que o jornalista lamentou ter ocorrido uma falta durante o jogo. Não é que ele queria mais faltas, ele não queria nenhuma.

Curiosidade. O prof. João Martins era colaborador do jornal A TRIBUNA, porém, começaram a dizer na cidade que ele não era daqui e não devia imiscuir-se nos problemas da cidade. Ofendido, o prof. declarou que atendendo a esses reclamos deixaria de colaborar no jornal. Diziam que ele não podia emitir opinião sobre as questões locais o que era um tremendo preconceito. O que não é de estranhar na velha Uberabinha. Seu desabafo saiu na edição de 21 de setembro de 1919.

Agenor da Silva Pereira Bino, que foi o fundador do Uberlândia Esporte Clube, instalou em 1923 o jornal A REAÇÃO entregando-a à direção de Lycídio Paes, um dos melhores jornalistas e escritores que a cidade já teve. Em 1924, sua tipografia transferiu-se para o jornalista Orlando Barbosa que passou a editar A PENNA, sob sua direção. Deve ter sido um renascimento da velha A PENNA, mesmo porque o redator é o mesmo.

O ESTADO DE GOIAZ, era o porta voz do pensamento comunista na região e desapareceu com o trágico falecimento do seu proprietário, José Ayube, atropelado em Goiás, em 1956.

Em 1925, circulou A MARIPOSA, jornal feminino. Suas redatoras foram Yolanda Paes (filha do professor e jornalista Lycídio Paes) e Maria Stephan. Era um jornalzinho mimoso cheio de fofquinhas leves espicaçando alguns namoros e estimulando outros. Nota-se que os nomes citados são sempre da mais seleta elite. Exemplo de “telegrama” transcrito: de Sandoval para João Pavan, pela empresa radiotelegráfica do pensamento: “Sua pequena L S passeando jardim pt muitos querendo furar sua chapa. Cuidado.” Na coluna “Pescadinha” as redatoras destilavam diz-que-diz. Por exemplo: “O peixe mais gordo que conseguimos pescar esta semana foi o namoro do Vasco com a senhorita B.” (Quem era o Vasco senão o futuro prefeito Vasco Giffoni?) A MARIPOSA pretendia também ser um guia moral para as mulheres da alta sociedade; anunciava a formação dos grêmios femininos, publicava bilhetes com pseudônimos e patrocinava concursos de beleza.

Nesses jornaisinhos havia muitas seções especializadas nessas futilidades.

Em 1925, Arthur Barros e um sócio cujo nome não consegui apurar fundaram O REPÓRTER. Arthur Barros era excelente jornalista, tinha um texto muito cuidado, produzia poemas e contos bem alinhavados numa escrita escorreita. O REPÓRTER era um jornal de tamanho reduzido, cujo miolo era formado por brincadeiras, digamos, sociais. As mesmas fofocas de A MARIPOSA. O REPÓRTER, pouco tempo depois, foi adquirido por João de Oliveira e durou muitas décadas. Nunca foi um jornal de grande expressão.

Em 1927, o diretor do grupo escolar Bueno Brandão, Lycidio Paes, desentendeu-se com o Secretário do Interior do Estado de Minas Gerais, dr. Fernando de Mello Vianna, pediu exoneração e fundou o jornal A REAÇÃO, defensor do Partido Coió (Republicano Mineiro). Mais tarde, Lycidio fundou a VOZ CENTRAL e redigiu, em companhia de José Ayube, o DIÁRIO DE UBERABINHA, possivelmente um novo jornal com o nome de um antigo. Lycidio redigiu ainda o ARAGUARY e o JORNAL DE UBERABA. Fez parte do corpo redatorial de O REPÓRTER, do CORREIO DE UBERLÂNDIA e do TRIÂNGULO.

Tubal Vilela, em sua juventude, quando trabalhava no comércio local, fundou com Vicente Paulo Afonso um jornalzinho humorístico chamado “O LAMPIÃO”. Fofoqueiro, também

Na década de vinte tivemos um belo destaque feminino na Imprensa. Antonieta Vilela Marquez era moça de intensa vida cultural, estudada em internatos de grandes cidades, muito lida e com pensamentos avançados para a sua época e para Uberabinha. Uma verdadeira pioneira feminista. Aprendeu a dirigir automóvel com seu pai e saía sozinha pelas ruas da cidade, escandalizando cidadãos e senhoras preconceituosos – que eram a tônica da cidade. Aprendeu também a manejar arma de fogo com o próprio pai. Seus artigos defendiam o direito do voto para as mulheres e afirmava que só pela educação a mulher atingiria sua liberdade total. É preciso que se diga que, ainda nessa época, não se via com bons olhos o desenvolvimento cultural da mulher. O preconceito era tal que, aqui em Minas se dizia que a mulher aprendia a escrever para mandar bilhetes ao namorado; dizia-se também que pôr mulher na escola era o mesmo que soltar a égua no pasto. O que é importante no caso é que a sociedade da época, com todo o seu preconceito, assimilou bem e respeitou a luta de Antonieta em prol das mulheres de sua terra. Antonieta Vilela pertencia às tradicionais famílias Marquez e Vilela de Andrade. Ela tanto participava da imprensa fofoqueira quanto dos jornais sérios.

Nesse período circularam os seguintes jornais: O LAMPIÃO (1925), que era do Tubal Vilela, Lopes R. de Miranda e Nelson Grama; o ALARME (1925), de Vicente de Paula e Telêmaco Bernardes; o RELÂMPAGO de Bernardes R. Leite; A CHISPA, O SABRE, de Afonso Savastano; O LÁPIS, A LETRA, O GAROTINHO, VOZ INFANTIL, do Colégio Amor às Letras; VOZ PAROQUIAL, do cônego José de Mello; A ESPERANÇA, do prof. Odilon Ferreira; O BOHÊMIO, de um grupo de moças; A FARPA, O TRIÂNGULO MINEIRO, do prof. Odilon Ferreira; IDEAL, das professoras Minervina e Átila de Oliveira; o AGARRA, de Leônidas Schwindt e O MUNICÍPIO, de J. Carvalho.

Em 1935, sob a direção de Odorico de Paula e Orlando Dias, surgiu o JORNAL DE UBERLÂNDIA, cujo redator era o professor Antônio Macedo Costa. Esse jornal durou muitos anos. Iniciou na oposição política local, mas depois acomodou-se na situação. Na década de 40 passou para a propriedade de empresa Artes Gráficas Brasil Central que era dos srs. Correa e Vendeth.

Correio de Uberlândia

José Honório Junqueira criou em 1938 o CORREIO DE UBERLÂNDIA. Poucos meses depois passou-o para Ary de Oliveira. Ary repassou-o algum tempo depois para um grupo de udenistas que fez do jornal o porta voz da UDN na cidade. Na época do cinquentenário da Imprensa seu diretor era o dr. Jacy de Assis e o redator chefe era o prof. Osvaldo Vieira Gonçalves. Gerente era o Albano de Moraes.

Até finais da década de 30, a Imprensa local viveu um período cujos destaques seriam os jornais O PROGRESSO, até 1914, e A TRIBUNA, que ultrapassou esta década e foi até os fins dos anos 30, quando começaram a se destacar os principais jornais do novo período que vai até inícios dos anos 80 do século passado e que foram os jornais CORREIO DE UBERLÂNDIA, O TRIÂNGULO e O REPÓRTER.

Nesse período, além das notícias comuns, os jornais se preocupavam muito com política, com as notas culturais e comentários analíticos dos acontecimentos gerais. Na política, os editorialistas estavam sempre em debate, ou provocando o debate. Nos artigos e comentários culturais e analíticos dos diversos fatos, o importante era deitar erudição. Há casos incríveis de artigos, discursos transcritos, e outros textos que são pura literatice. Não dizem nada. Li a transcrição do discurso do Engenheiro Diniz, ao entregar a ponte Afonso Pena ao tráfego, longo e inútil. A não ser no seu final, quando cita como se fizeram os testes de resistência da ponte, o resto tudo é papo furado, como é papo furado, também, o discurso que o jornalista Agenor Paes fez quando da inauguração do Fórum na praça da República (Tubal Vilela), em 1922. Também a série de artigos do engenheiro Paes Leme sobre estradas de rodagem só nos mostra o quanto ele conhece de rodovias, mas não diz nada sobre a sua grande obra, feita a serviço do Fernando Vilela, que foi a estrada de Uberabinha a Itumbiara, construída em 1912. Outra manifestação vazia é a defesa que a Assembléia Estadual fez do Deputado Augusto César, que foi o primeiro prefeito de Uberabinha. Esse manifesto denunciava que um grupo de maus cidadãos espalhavam boatos que incriminavam Augusto César. Não diz quem são, o que espalharam nem as justificativas da defesa. Ao fim, você não fica sabendo nada. Fica do mesmo jeito como estava quando começou a ler. Pura retórica. Isso é lamentável. E tinha demais disso. Havia também debates. Acusações, rebates. Essa briga pública interessava muito aos jornais. Era fator certo de boa vendagem.

Nesse período circularam os seguintes jornais: A FOLHA MUNICIPAL (da Câmara), DIÁRIO DA REVOLUÇÃO, ESCOLA NORMAL, O TRIUNFO, JORNAL PEQUENO, ARAPONGA, O

BRASILEIRINHO, ESCOLA RURAL, O ESTADO DE GOIAZ, SEU JORNAL, O MINEIRINHO, O POVO, A SEARA, DIÁRIO DE UBERLÂNDIA, A RAÇA, O MOMENTO, LUZ E CARIDADE, HORA H, A BORBOLETA, DEMOCRACIA, O CRÍTICO, O BANDEIRANTE, GINASIANO, OÁSIS, CORREIO POPULAR, MOCIDADE LIVRE, PRAIA CLUBE, O INCONFIDENTE, NOVA SENTO (da Associação Esperantista de Uberlândia), BRASIL CENTRAL, VOZ DO POVO e outros.

Revistas: A ESCOLA, AVE MARIA, ILUSTRAÇÃO MINEIRA, A BOLA, REVISTA DO C.C.P. (Círculo de Pais e Professores), TRIANGULO DE MINAS, REVISTA DO CAMPEONATO, ESCOLA NORMAL, UBERLÂNDIA ROTÁRIA, NOSSA TERRA, A CAMPONESA, UBERLÂNDIA ILUSTRADA.

A revista UBERLÂNDIA ILUSTRADA, editada pelo professor Jerônimo Arantes, historiador e poeta, tem um valor extraordinário para o conhecimento da História do Município, porque uma revista essencialmente histórica. Todos os seus artigos referiam-se a fatos significativos de nossa História. Muito difícil atualmente conhecer-se o passado de Uberlândia sem se recorrer a essa publicação. Felizmente todos os seus números foram preservados e se encontram hoje à disposição da consulta pública no Arquivo Público Municipal. Ela circulou nas décadas de 40 e de 50.

Em 1946 surgiu o jornal “MOCIDADE LIVRE” redatoriado pelo jovem jornalista Fragmon Borges – foi o órgão oficial da União dos Estudantes de Uberlândia. E ressurgiu O MERCÚRIO órgão oficial da Associação Acadêmica de Comércio.

Hipopota (Maximiliano Carneiro) redigiu o “PRAIA CLUBE” jornal humorístico do clube.

Nesses primeiros cinquenta anos da Imprensa uberlandense devo destacar um aspecto muito pitoresco, que eram as fofocas, as mentiras, a politiqueria suja, falsa e anônima. Era muito comum os “A Pedido” com explicações deste tipo: “Fulano de Tal comunica aos leitores que não está se mudando para Ribeirão Preto, como foi publicado em tal jornal tal dia etc”. Ou deste: “Fulano de Tal comunica que sua fazenda não está a venda conforme se está dizendo na cidade etc.” Lembro-me de um “A Pedido” onde um figurão da sociedade da época diz que não se inscreveu em tal Partido como foi noticiado. E explica que o coronel José Theóphilo Carneiro chegou-se a ele com um abaixo assinado em favor de um funcionário e que ele assinou e só veio a saber depois que aquilo era o seu pedido de filiação no tal partido. Agora, não se fica sabendo exatamente quem mentiu.

O mais engraçado eram os jornais políticos apócrifos. Eram desabusados. Metiam o pau desabridamente nos adversários. Faziam acusações gravíssimas. Eram pequenos jornais atrevidíssimos escondidos pelo anonimato. Conheço pelo mesmo três: A CHELENA, JORNAL ESPÍRITA e A ESPORA. Esses pasquins saíam uma vez só e desapareciam.

O período seguinte vai ser marcado por três jornais que duraram algumas décadas:

CORREIO DE UBERLÂNDIA

O CORREIO DE UBERLÂNDIA foi fundado em 7 de fevereiro de 1938 pelo capitão José Honório Junqueira, de Ribeirão Preto. Seu filho, Luiz Nelson Junqueira era o diretor comercial. Ele era feito na gráfica de Pedro Vendeth, em Araguari. O capitão era dono de mais sete jornais e vinha a Uberlândia pelo menos duas vezes por semana. Abelardo Teixeira era o redator chefe. Aqui, antes de passá-lo para Ary de Oliveira, manteve violenta polêmica com o Agenor Paes, de A TRIBUNA. O novo dono do jornal, na década de 40, passou-o para um grupo de cotistas ligados a UDN. Eram João Naves de Ávila, Nicomedes Alves dos Santos e Alexandrino Garcia. Em 1952, Valdir Melgaço Barbosa, que foi vereador e deputado estadual pela UDN, e genro de Alexandrino Garcia, assumiu a direção do jornal. Nos anos 50 e 60 o CORREIO DE UBERLÂNDIA foi visceralmente udenista mantendo acirrado combate com seus adversários pessedistas (PSD).

Os udenistas adquiriram também a Rádio Educadora que passou a ser essencialmente política, mas manteve excelentes níveis de programação. Muito melhor que o jornal.

O TRIÂNGULO

O TRIÂNGULO era editado pela Gráfica Zebu, de Uberaba, do jornalista Ary de Oliveira, o mesmo que foi dono do CORREIO DE UBERLÂNDIA. O TRIÂNGULO tinha sido criado nos princípios do século XX em Araguari. De Araguari foi para Uberaba e de lá, Ary de Oliveira trouxe-o para Uberlândia e lançou-o aqui no dia 11 de fevereiro de 1956. Alguns meses depois, Renato de Freitas, do PSD, e outros, adquiriu-o para tê-lo como forma de confronto com O CORREIO. Era, no entanto, um jornal mais fraco. O redator da era PSD foi o Péricles Goulart. Aí pelos anos 70, por falta de espaço onde guardar o arquivo do jornal, toda a coleção anterior a 1956, ou seja, uns trinta anos do jornal em Araguari e Uberaba foram queimados. Quando Renato de Freitas candidatou-se, pela primeira vez, a prefeito municipal, pela Lei Eleitoral, não poderia permanecer na direção do jornal. Fechá-lo resultaria numa grande despesa com indenizações dos antigos empregados. Renato propôs-lhes passar-lhes o jornal o que todos aceitaram. Eram Alberto de Oliveira, Alberto Gomide, Valdeir Parreira da Rocha, Heli Fidélis e Itamar Fernandes Caetano. Os novos donos do jornal elegeram o Alberto de Oliveira como presidente do grupo. O TRIÂNGULO parou de circular em 2000. Estava situado à rua Marechal Deodoro, n. 52, num velho prédio de propriedade de José dos Reis Vieira de Moura.

O REPORTER

O REPÓRTER já era um jornal mais antigo. Começou como tablóide, de brincadeiras afetivas da juventude; cresceu mas não tomou posição política, dançando conforme a música.

Lycidio Paes foi jornalista que passou por todas as mesas de redação da cidade. Foi do CORREIO DE UBERLÂNDIA, d'O TRIANGULO E d'O REPÓRTER.

Quando redator de O REPÓRTER, certa ocasião, resolveu aliviar as tensões mantidas ao longo da vida com alguns adversários políticos. O Lycidio era um fervoroso udenista. Um de seus adversários, um certo coronel Cândido, aniversariou e o Lycidio resolveu homenageá-lo e registrar o fato, só que a revisão, logo no título, deixou passar um erro gravíssimo. Saiu em caixa alta, com destaque, que o coronel Bandido estava aniversariando. Foi aquele bafafá.

Diz o diretor Valdir Melgaço Barbosa que, em 1954, Lycidio, pelo CORREIO DE UBERLÂNDIA, denunciou que os cavalos da cavalaria da polícia militar estavam invadindo a roça de milho de um dos patronatos de menores que havia na cidade. Foi o prefeito Tubal Vilela quem trouxe para Uberlândia uma companhia da Cavalaria da Polícia Militar de Minas Gerais. Foi um período de violências nunca visto antes, acho que nem depois. Os militares prendiam, espancavam, aprontavam com o povo por qualquer coisa.

Apareceu um oficial na redação brandindo o jornal e exigindo explicações para aquela nota. No dia seguinte, o Lycidio explicou:

“Ontem, nós cometemos um lapso, pois publicamos que os cavalos da polícia militar estavam comendo a roça de milho do Patronato. Pois bem, não eram os cavalos que estavam comendo o milho, eram os cavaleiros.”

Novo enguiço. Marçal Costa contava que o oficial fez o Lycido comer um pedaço do jornal. Não sei se isso é exagero.

Conta também o diretor Melgaço Barbosa, que o jornal passou por momentos tensos nesse mesmo ano por ocasião do suicídio do presidente Getúlio Vargas. O prédio da redação foi cercado pelos petebistas, principalmente trabalhadores, estimulados pelo dr. Cyro de Castro Almeida, que queriam invadir o jornal, que era udenista, ou seja, do partido responsável pela tragédia. Valdir armou-se e ficou na expectativa do que pudesse acontecer.

Relatou-me o jornalista Alberto de Oliveira, atualmente o decano da nossa Imprensa, ainda em atividade, embora não mais profissionalmente, que também cometeu suas gafes. Uma delas foi também com relação a uma nota de aniversário do empresário Ananias de Paula Costa. Foi o mesmo caso do Lycidio: trocaram o “c” pelo “b” da palavra Costa. Imaginem o nome que saiu. De outra feita, num título de matéria, o Alberto escreveu “Escola Predatória de Cadetes de Agulhas Negras”. No dia seguinte, o comandante da companhia de fuzileiros que havia na cidade e que foi precursora do batalhão que aí está, ligou para ele para chamar-lhe a atenção, mas reconheceu que essas coisas aconteciam.

Nas décadas de 40, 50 e 60 esses jornais foram os únicos de circulação ampla. Eram jornais fracos, digo que seriam mais fracos que alguns de seus antecessores, como A TRIBUNA que tinha um bom elenco redatorial e costumava usar ilustração fotográfica atualizada.

Esses três jornais mantinham uma coleção de clichês, aqueles velhos clichês de chumbo, que eram usados para tudo. As ilustrações eram sempre as mesmas, ultrapassadas, quando não equivocadas.

A circulação era insignificante. Entre mil e três mil exemplares. Os jornais, no entanto, no Expediente, registravam quantidade muito maior – o que não era verdadeiro. Era uma tiragem que não justificava a pretensão política dos mesmos. Suas notas agressivas e polêmicas não atingiam universo nenhum, ficava ali, entre os próprios assinantes correligionários. Tanto o CORREIO DE UBERLÂNDIA quanto O TRIANGULO foram usados por ocasião de eleições, mas acredito que jamais conseguiram desviar um voto. De qualquer forma, suas violências agradavam aos poucos leitores do partido.

Com relação à política local e as possibilidades da imprensa de formar opiniões, eu tenho um fato lamentável para relatar. Infelizmente ainda não consegui apurar mais profundamente. O jornalista Correia Júnior publicou notícia que não agradou aos líderes pessedistas. Era ainda uma época em que prevaleciam as prerrogativas dos velhos coronéis fazendeiros sobre a liberdade dos cidadãos. O jornalista foi emboscado ali pelas alturas do UTC e aplicaram-lhe um violento corretivo. No dia seguinte, o CORREIO DE UBERLÂNDIA atacou os agressores de forma impiedosa, dizendo que os processaria etc e tal. O que quero dizer é que as análises e as críticas publicadas embora não alterassem jamais o conceito das pessoas atingidas porque não havia uma circulação eficiente mexiam com a sua auto-estima. O jornal, pois, como já disse, nessa época, só atingia as poucas pessoas interessadas.

Além desse aspecto político, esses jornais eram verdadeiros colunões sociais. Notícias louvaminheiras sobre os companheiros de partido e sobre os grandes empresários que assinavam e compravam publicidade. Lembro-me de uma manchete do CORREIO DE UBERLÂNDIA, de primeira página, que dizia: “Fulano de Tal aniversariou” – tratava-se de um grande comerciante que dava muita publicidade. A publicidade era passada aos jornais como uma esmola, dando direito ao empresário de passar notícias pessoais ou de seu interesse, pedir providências, reclamar etc. A publicidade era uma ajuda à Imprensa – na verdade, a Imprensa com sua tiragem insignificante não promovia nada. Quando a publicidade era de um produto de venda nacional cujo estabelecimento local contratante da propaganda era seu revendedor, o custo deveria ser rachado, meio-a-meio, só que os jornais davam recibo com o valor dobrado para que o empresário local não pagasse nada. Isso eu vi muito.

Ainda assim, tivemos nesse período alguns excelentes jornalistas, alguns bons e alguns medíocres. Todos construindo a história da nossa Imprensa: Marçal Costa, Arthur Barros, Gastão Batinga, Péricles Goulart, Argemiro Evangelista Ferreira, Lycidio Paes, Pedro Salazar Pessoa Filho, Alberto de Oliveira, Albano de Moraes, Celso Barbosa, Antonio Rufino, Iná de Souza, Eurico Silva, prof. Saint Clair Neto, Waldemar de Faria, João de Carvalho, prof. Osvaldo Vieira Gonçalves, Ciro de Castro de Almeida, Nelson Cupertino, João Rodrigues da Silva Jr., Delly Azevedo, Norton Regal, José de Oliveira Campos, Antônio Couto de Andrade, Abilio Segadães, Alírio Marra, Ildeu Rezende de Oliveira, Mauro Mendonça, Ruy do Nascimento, Mário Zara, Ivan Santos, Josué Borges, Agenor Simão, Luiz Fernando Quirino,

Sérgio Martinelli, Adriano Bailoni Jr., Guimarães de Oliveira, Ironides Rodrigues, Nininha Rocha, Maleronka, Manoel Tibúrcio, Jacy de Assis, Alfredo de Freitas Macedo, Martha Pannunzio, Dantas Ruas, Baía, Clóvis César, José Domingos, Jose Expedito da Silva e possivelmente alguns mais. Destes, alguns eram bissextos.

Pra mim, nesse período de 50 a 80, a Imprensa andou para trás ou parou.

A TRIBUNA DE MINAS começou a circular no dia 13 de maio de 1966. Era uma Sociedade Anônima da qual eu fiz parte. Eu era o gerente do jornal e seu redator chefe. Nunca passei tanta necessidade na vida. Ganhava pouco mais que um salário mínimo, mas nunca recebia. Trabalhava, todos os dias, até de madrugada. Foi por essa época, 1966 ou 67, que saiu a Lei exigindo que o jornalista deveria ter Curso Superior específico. Os que já militassem na Imprensa poderiam requerer sua qualificação profissional como jornalista – ainda que não formados. Eu não quis de jeito nenhum. As dificuldades que passei, sendo casado, me desencantaram com a profissão. Na primeira oportunidade caí fora.

Mas dizem que jornal é cachaça e eu nunca deixei de escrever, embora nunca mais profissionalmente. Depois de muitos anos, resolvi tentar qualificar-me. Consegui, provisoriamente, através de uma liminar concedida por uma juíza paulista numa ação promovida por um candidato que trabalhava na Imprensa há muitos anos. Era o meu caso também e se não fui jornalista por decreto em 66, hoje sou por liminar da Justiça.

Apesar de ter recebido o concurso de bons jornalistas, como o Ivan Santos, o jornal A TRIBUNA DE MINAS entrou em decadência, em todos os sentidos, e desapareceu por falência múltipla de órgãos.

Um jornal, nesse tempo, era assim:

Para começar, era publicado três ou quatro vezes por semana e se dizia diário. A esse respeito, houve até um caso pitoresco. Quando o CORREIO DE UBERLÂNDIA, sob a direção de Sérgio Martinelli, tornou-se verdadeiramente diário, ele mandou escrever na porta do jornal que o CORREIO DE UBERLÂNDIA era um jornal diário que saía todos os dias.

Os jornais tinham uma ou duas salas pequenas: a redação e a secretaria. E um salão grande, a oficina, onde estavam os linotipistas, os paginadores, os revisores, os impressores, os expedidores. Ou tudo isso num salão só.

Havia um redator chefe e alguns colaboradores.

Como é que esse pessoal funcionava?

Os colaboradores e colunistas, que geralmente não eram pagos, enviavam sua matéria para o redator chefe. Dificilmente o redator recusava uma matéria, salvo se contivesse comprometimentos políticos ou ofensas que pudessem responsabilizar o jornal. Sua parte ele fazia colhendo informações por telefone, do rádio, ou de outros jornais maiores que saíam antes. Essas notícias copiadas de jornais eram transcritas integralmente. A gente dizia

“gilete press”, porque elas eram recortadas e passadas para o linotipo. Por telefone se colhiam notícias policiais, do corpo de bombeiros, prefeitura, diocese etc. Muitas instituições mandavam releases: associações, empresas, escolas, clubes de serviço e de lazer, prefeitura, câmara etc. Os jornais não tinham convênio com agências de notícias e raramente eram feitas entrevistas pessoais.

O redator chefe ia passando para as oficinas o que ia ficando pronto, geralmente do miolo do jornal para fora. A linotipo era uma máquina de escrever enorme com gavetas contendo tipos em cobre, chamados matrizes, que ficavam na sua parte alta. O conjunto das gavetas chamava-se magazine. Cada tecla acionada fazia descer do magazine uma matriz que se alinhava à esquerda do linotipista. Esse lugar onde se formavam as linhas da matéria chamava-se componidor. Ele ia datilografando até formar uma linha de coluna. Antes de fundir a linha, o linotipista verificava os espaços entre as palavras e podia aumentá-los ou diminuí-los de acordo com a necessidade, com a mão, tirando ou colocando matrizes de espaços. Em seguida, por um dispositivo chamado braçadeira que ele acionava com a mão esquerda, erguia a linha até o nível da caldeira onde havia um líquido formado por um liga de chumbo e antimônio derretidos. A uma ação manual também, a caldeira inclinava-se um pouco e aspergia através de vários orifícios milimétricos aquela liga derretida que formava uma linha de chumbo. Em seguida, por outro dispositivo manual à sua direita, o linotipista erguia o conjunto de matrizes utilizado até a altura do magazine e a própria máquina automaticamente as distribuía. Quando essa máquina dava defeito era complicado. Não havia quem as consertasse na cidade. Tinha que se chamar o Benone Pita, mecânico de Ribeirão Preto, que vinha quando podia.

Prontas as linhas, o paginador levava-as para a impressora onde tirava uma cópia longa, numa tira de papel que era passada para o revisor que comparava a tira com o original e ia marcando à margem os possíveis erros. O paginador já ia montando as páginas e colocando os títulos feitos com tipos de tamanhos variados, de corpo 6 a 78, que ficavam num armário. A prancha de metal apropriada que ficava no seu braço onde ele montava os títulos tirando letra por letra das caixas também se chamava componidor. Era de se ver a sua destreza em montar títulos e, depois de impresso o jornal, desmontá-los e guardar corretamente cada letra em seu escaninho sem errar e sem olhar. Lentamente o paginador ia montando as páginas, duas a duas, que iam para a mesa da impressora plana. Terminada a revisão, as tiras eram passadas para o linotipista que fazia as emendas e as passava para o impressor que mudava as linhas erradas. Quando as duas páginas já tinham recebido as emendas, ele tirava uma cópia das duas páginas que ia para o revisor que simplesmente conferia os títulos e as linhas mudadas. Ele não relia mais toda a matéria e se, eventualmente, descobrisse novos erros não apontados na primeira revisão o linotipista se recusava a fazer as emendas. Conferida a revisão, o impressor apertava as páginas para ficarem bem firmes e iniciava o seu trabalho. Essas impressoras se chamavam planas e eram muito lentas. Era feita folha por folha manualmente. O impressor tirava cada folha impressa e punha outra em branco. Para que a impressão não ficasse borrada havia vários rolos de borracha, os mais finos, um a um, passando a tinta para os mais grossos. A cada troca de folha, o rolo menor molhava-se no

tinteiro e ia passando a tinta para os outros até chegar no maior que a espalharia sobre as páginas montadas. Enquanto os rolos retornavam para serem molhados de novo, a impressora imprimia mais uma folha com duas páginas. Isso ia até tarde. Depois de impressas todas as páginas, o expedidor as intercalava e dobrava o jornal, um a um. Como a venda avulsa era insignificante, havia que se os endereçar. Havia uma aparelhinho para isso chamado granel. Era acionado com o pé. Era uma lingüeta com uma alavanca. O expedidor punha o jornal sobre a lingüeta que ficava sobre uma pequena mesinha e dava uma pancada com o pé. Essa pancada fazia descer com força uma pequena prensa que apertava o jornal numa linha da lingüeta. Acabado de imprimir o endereço a máquina fazia a lingüeta dar um pulo e passar para o endereço da frente. E assim ia, e houvesse tempo.

A imprensa uberlandense só voltou a receber um impulso para a frente com o JORNAL DE BOLSO, um jornal moderno e sem compromisso - livre. Foi nos fins de 1974. Ele era impresso na gráfica do JORNAL DE MINAS, de Belo Horizonte. O jornalista Afonso Torres chegara de Belo Horizonte e resolvera fundar um jornal aqui. Torres tinha sido Gerente regional da editora Abril em Belo Horizonte, ou seja, vinha de fonte respeitável. Era um homem problemático e, talvez por isso, tenha saído daquela grande editora. Era alcoólatra e sofria de depressão. Quando começava a beber, trancava-se por dias e dias e entrava em profunda depressão.

O JORNAL DE BOLSO tinha a dimensão de um meio jornal. Saía quinzenalmente. Era um jornalzinho que possuía equipes de reportagem (isso nunca tinha havido aqui), fotógrafos próprios, e outras coisas típicas de um jornal profissional. Só possuía um redator, nem precisava de mais. Nos primeiros números, foi o próprio Torres, depois, fui eu. E como aprendi. O Torres lia meus textos, me chamava e me orientava. Não que eu tivesse escrito alguma coisa errado, a técnica que eu usava, e que era a do jornalismo local, estava super ultrapassada. Ele me ensinou muito, mas o seu jornal infelizmente só durou três números. Ele entrou na cachaça e na depressão e, de repente, sumiu. A sua equipe de reportagem entregava-me os levantamentos que fazia sem qualquer preocupação redacional – isso ficava por minha conta.

Agora um exemplo de diferença entre uma imprensa comprometida e uma imprensa livre. Os quatro jornais de Uberlândia, à época, CORREIO DE UBERLÂNDIA, O TRIÂNGULO, O REPÓRTER e a TRIBUNA DE MINAS publicavam com destaque e insistência que Rondon Pacheco, à época Governador de Minas Gerais, entregaria o novo prédio do Fórum da cidade antes do fim do seu mandato. Era uma deslavada mentira, mas era do interesse político que o povo acreditasse nisso. O JORNAL DE BOLSO mandou sua equipe entrevistar os empreiteiros, analisar os projetos e conversar com outras pessoas envolvidas, talvez o próprio Governador, não me lembro mais, e saiu com uma manchete que desmentia toda a imprensa local, e aqui se inclui rádio e televisão: RONDON NÃO ENTREGARÁ FORUM NO PRAZO, ou coisa semelhante. Foi um escândalo, mas era só ler a reportagem e entender por quê.

Com o desaparecimento precoce do JORNAL DE BOLSO, a Imprensa de Uberlândia voltou ao seu repouso acomodado nos braços da elite política e econômica.

Lembro-me que, por minha iniciativa, a Receita do Estado começou a divulgar os nomes dos seus Dez Maiores Contribuintes da cidade. Assim que saiu a primeira relação, o CORREIO DE UBERLÂNDIA publicou matéria sem critério e agressiva contra aquela divulgação pelo fato de não constar o nome de um de seus grandes clientes: Carlos Saraiva. Pedi autorização à Chefia e respondi à altura e o puxa-saco se calou. Simplesmente disse que o Carlos Saraiva não estava entre os dez porque não era um dos dez.

E seguiu-se a murrinha jornalística uberlandense ~~total~~mente entregue, trocando publicidade por subserviência.

Há um fato pitoresco desse tempo. O homem de televisão, já falecido, Gilberto Garcia, pai das atrizes Rosana e Isabela Garcia, era expedidor do velho CORREIO DE UBERLÂNDIA. O cantor Moacir Franco também trabalhou nesse jornal. Na época do Gilberto, o Moacir iniciava a sua carreira artística com um programa na Rádio Difusora local que dividia com o humorista Clayton Silva, que foi para o programa A Praça É Nossa, do SBT. O Gilberto tinha que endereçar os jornais um a um. Mas ele era fã do Moacir e não podia deixar de ir para o auditório da Difusora ver o programa que era ao vivo e ia ar no Sábado. Por isso, quando chegava lá pela metade da expedição, ele parava, jogava os jornais que sobravam em cima do forro, que naqueles tempos eram de tábuas finas, e ia para a Difusora. Os assinantes queixavam, mas o Gilberto dizia que tinha entregue os jornais no correio. Até que um dia, o forro não suportou e desabou. E aí se viu onde estavam os jornais dos assinantes que reclamavam. Não restou outra alternativa ao diretor do jornal, na época, Valdir Melgaço, senão dispensar o Gilberto.

Primeira Hora

Enfim, surgiu o grande transformador: o jornal PRIMEIRA HORA. Nos princípios de 1980 ou 81 (?), com o objetivo de apoiar a campanha do dr. Zaire Rezende à Prefeitura Municipal, foi lançado o jornal PRIMEIRA HORA, com uma novidade empresarial – era uma cooperativa com mais de 50 cooperados. Detinham as maiores quotas os senhores Zaire Rezende, Ronan Tito de Almeida, Luiz Ricardo Goulart e José Lélis.

O equipamento adquirido pela cooperativa já era obsoleto, mesmo assim, deu um grande impulso à nossa imprensa, para se ter uma idéia de como estava o seu nível.

Ele foi um divisor de águas. A partir do PRIMEIRA HORA, a imprensa de Uberlândia saiu do amadorismolouvaminheiro e ganhou um jornal onde predominou a grande novidade: o profissionalismo. Acabou aquela coisa de um ou dois redatores fazerem tudo no jornal, que, afinal, não era muito porque funcionava a tal de “giletepress” que era o recorte das notícias interessantes publicadas pelos grandes jornais do país, assim como copiar o noticiário da TV-

Triângulo, o “Triângulo Notícias”, transmitido pela manhã, adaptando a linguagem para jornal impresso.

O PRIMEIRA HORA criou uma equipe de reportagem, admitiu fotógrafo exclusivo e editores especializados, manteve contrato com agências de notícias, primeiramente com a do JB, depois com o Estadão e não escondeu a sua condição de instrumento do PMDB.

Esse jornal durou apenas 8 anos, encerrando suas atividades de forma lamentável, na justiça, com os empregados reclamando seus direitos totalmente desprezados, quando o jornal se fechou, em janeiro de 1989. Lembro-me que consegui autorização judicial para entrar no prédio, que estava lacrado, para tentar encontrar o arquivo fotográfico, talvez o maior repositório histórico fotográfico até então construído. Encontrei tudo vazio, vazio, e ninguém soube me dizer onde foram parar milhares de fotografias de fatos e de pessoas importantes tiradas nesse curto período.

Com essa experiência modernizadora do PRIMEIRA HORA, só restaram aos demais jornais duas opções: fechar as portas ou modernizar-se também.

O REPÓRTER, com o falecimento de João de Oliveira, seu proprietário, entrou em decadência e encerrou suas atividades, antes mesmo do PRIMEIRA HORA. O TRIBUNA DE MINAS também não resistiu e o CORREIO DE UBERLÂNDIA, que já fazia parte do Grupo empresarial da família Garcia, tendo meios financeiros de suportar uma mudança radical, partiu para a transformação e tornou-se um grande jornal do interior. Não por acaso, é o único jornal da cidade.

As primeiras mudanças pelas quais o jornal passou, que ainda não significavam uma modernização, porém uma melhoria, foi quando Sérgio Martinelli assumiu a sua gerência. Ele implantou o telex para receber notícias, reformou as velhas linotipos e adquiriu uma clichéria nova.

A partir de 1986 o jornal passou a fazer parte do Grupo ABC através da incorporação feita pela Gráfica Sabe. Seu primeiro diretor foi Arly Trindade que iniciou uma ampla modernização do jornal. Ele implantou o off-set em dois anos e aposentou as linotipos. Em agosto de 1988, como comemoração do centenário do município foi lançado um documentário totalmente em off-set. Acho que fui eu que escrevi quase tudo. Não me lembro mais. A implantação do off-set foi paulatina e o último jornal linotipado saiu em 26 de abril de 1989. A partir deste ano, os diretores Arly Trindade e Nárcio Rodrigues da Silveira, que veio de Frutal e, hoje, é Deputado Federal, fizeram do CORREIO um jornal moderno. Nárcio elaborou um novo projeto editorial. Foi feita a contratação de uma equipe de jornalistas. Foram realizados seminários e reuniões para discussão interna. A pretensão era que o jornal deixasse de ser o colunão e se transformasse num noticioso ágil, independente e moderno. Com a saída do Nárcio assumiu sua posição o redator chefe Francisco Marcos dos Reis.

Daí para frente o CORREIO se transformou sendo hoje um dos bons jornais nacionais com uma apresentação digna de qualquer grande jornal de capital. A mudança de seu nome faz

parte de suas transformações e de sua pretensão. Ele se chamava originalmente CORREIO DE UBERLÂNDIA, porque era um noticiário que objetivava circular apenas no município. Em 1991, mudou seu nome para CORREIO DO TRIÂNGULO, porque pretendia ser um jornal regional. Por fim, em 1995 mudou para CORREIO simplesmente porque não pretendia ter barreiras regionais. Atualmente voltou a ser CORREIO DE UBERLÂNDIA.

Não para o CORREIO, mas para a Imprensa de Uberlândia, e até para a fixação da sua História, é lamentável que a cidade tenha um só jornal. Não se tem uma visão alternativa dos acontecimentos, não há confronto de idéias. Uma pena.

Um aspecto importante que permite refletir sobre o poder de convencer pessoas e as possibilidades de retorno econômico de um jornal em Uberlândia vem do fato de que só depois de aproximadamente uns vinte anos, o CORREIO começou a contabilizar resultados econômicos positivos. Agora, imaginem como seriam os jornais anteriores, com a tiragem insignificante, com as dificuldades técnicas e falta de pessoal, como poderiam ser independentes? Como subsistiram?

Antônio Pereira da Silva